

A DIMENSÃO POLÍTICA DA AÇÃO SOCIAL NA IGREJA CONTEMPORÂNEA EM GOIÂNIA

Sueli Maria de Freitas¹

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, refletir o movimento de fé e cultura buscando compreender a dimensão política da ação social no espaço eclesial. Sabe-se que os povos que contribuíram para o surgimento do Cristianismo foram os judeus, os gregos e os romanos. A Igreja, como parte do Reino de Deus, é considerada como redil, rebanho, agricultura, vinha, edifício, família de Jesus, templo santo, Nova Jerusalém e ainda como esposa de Cristo. Por este viés, percebe-se que constituiu uma comunidade fundada por Jesus Cristo, e seus discípulos deram-lhe continuidade, com o objetivo e a necessidade de ensinar o Evangelho de Jesus e de assegurar a integridade da fé cristã. No entanto, para que isto ocorra se faz necessário a compreensão e o respeito mútuo à cultura de cada indivíduo para que haja a comunhão das igrejas locais e o dinamismo evangelizador. Desde o início histórico do ser humano, as pessoas sofrem com a questão social, com a desigualdade social, isto é, direitos distintos entre os grupos sociais, pois a realidade dos menos favorecidos (pobres) tão discutida na atualidade, sempre existiu. Frente ao contexto apresentado, a Igreja contemporânea se depara diante de dois enormes desafios: ideia democrática (política) e questão social.

Palavras-chave: Igreja; fé; ação social; evangelismo; política.

ABSTRACT

This article intends the faith and culture movement misunderstanding the politics' dimension of social action in the ecclesiastic space. People that contributed for building the Christianity were Jews, Greek and Romans. In this time, the church like God's Kingdom were considerate like lambs, agriculture, wine, building, Jesus family, hole temple, new Zion, and so, as Christ's wife. The communities' complex had been foundered buy Jesus Christ and had been continuing grew with the disciples, teaching Jesus' Gospels, saving the integrity of Christian faith. For this happens, its necessary understand the mutual cultural respect of each person for the unit of the local churches and the dynamic evangelism. Since the beginning of the historical humanity, people suffer cause social questions, so the reality of the poorest always happened. The churches are between two big ways: democratic ideas (politician), and social question.

Key- words: Church; faith; social action; evangelism; politician.

¹ Bacharel em Teologia, especializando em Aconselhamento Pastoral e Familiar pela Faculdade Faífa. Missionária, no Ministério Fama. Professora de Missão e Evangelização, Igreja e Sociedade e Capelã Faífa. Ensino Religioso (Escola Leão de Judá) E-mail: suelimiss@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Pretende-se investigar, neste trabalho, a dimensão política da ação social das instituições eclesásticas contemporâneas, pois esse espaço é lugar de adoração e de fortalecimento da fé. Nesse contexto, acredita-se que a igreja, além de evangelizar, assume um papel público, pois participa da sociedade exercendo assistência social, ação social e serviço social.

Dispõe-se, então, num primeiro momento, a promover uma alusão histórica ao movimento de fé e cultura ocorrido na igreja com a finalidade de compreender o sentido primitivo e contemporâneo da Igreja.

Posteriormente será ressaltado que a Igreja tem um dever para com a sociedade: práxis social. E é aí que se reconhece um dos seus papéis sociais: evangelizadora.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho consiste em análises de fontes bibliográficas, com autores que discutem o assunto, tais como Earle E. Cairns e Carlos Queiroz.

1 A IGREJA DE ONTEM E DE HOJE

Inicialmente, o objetivo é compreender um pouco da história da instituição igreja, considerando-a como lugar de adoração, de promoção da fé e da cultura de uma comunidade, desde tempos remotos da humanidade até os dias atuais.

As manifestações de Deus frente aos homens, relatadas nas Escrituras Sagradas, conduzem ao raciocínio de que o homem carecia de um esclarecimento da vida espiritual. Pois em seu contexto histórico, o que sugestionava como valor prioritário, parece ter sido o físico em razão da necessidade humana de se ter uma representação simbólica para a devida adoração. Em contrapartida, observa-se a especulação pelo sobrenatural, a veneração pelo mundo cósmico (exs.: sol, lua, trovão, etc.) na tentativa de preenchimento de um vazio inexplicável. E, dessa forma, na busca constante, o ser humano se torna um ser adorador.

Oliveira (2001, p. 242) explica: “igreja como Instituição social de caráter religioso é a religião institucionalizada, isto é, que supõe, além da crença, de sentimentos e práticas, uma doutrina, uma organização”. A partir desse dado histórico, pode-se afirmar que o entendimento do que vem a ser Igreja, pelo viés sociológico, implica a relação do homem com a formação religiosa. Desse modo, religião é uma ação na realidade do ser humano, é a busca do sagrado no interior de cada um; este fenômeno é identificado em toda

existência humana. Há religiões (igrejas) que deixaram de existir; algumas permanecem independentes do seu tempo de fundação; e tantas outras surgem.

Tomando a palavra igreja, presencia-se o seu trânsito com atribuições de sentidos diversificados. Por exemplo, na atualidade é comum a aplicação da expressão igreja na intenção de descrever uma bela edificação no centro de uma praça. As definições contemporâneas de igreja se apresentam de forma confusa, porque há o deslocamento do sentido sobrenatural, do que vem a ser essa instituição.

Pensando no possível significado da palavra edifício, pode-se considerar a igreja como um edifício construído com blocos e cimento?

Conforme as Escrituras Sagradas, a igreja pode, sim, ser considerada como edifício, porém construída com pedras vivas: “Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (I Pe 2.5). Com esse raciocínio, as pedras vivas citadas acima são chamadas de santos e constituem-se em membros da família de Deus. Essa afirmação pode ser conferida focando as palavras bíblicas do apóstolo Paulo:

Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; na qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito. (Ef 2.19-22).

Pensando na tradução da palavra *igreja*, de origem grega (*ekklesia*), há o significado literal “chamado para fora”, que se refere a um grupo de pessoas chamado para sair do pecado do mundo para servir ao Senhor. Entender o conceito bíblico de *igreja*, como um corpo de pessoas chamadas para fora do pecado, com a finalidade de serem santas, ajuda a apreciar a riqueza da descrição do apóstolo Paulo, “igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (At 20. 28). Jesus não morreu para comprar terras e edifícios, nem para estabelecer alguma instituição. Ele morreu para resgatar homens e mulheres que estavam, e de muitos que ainda estão mortos no pecado, perdidos; porém, devido à sua morte, agora têm salvação e esperança de vida eterna (Rm. 5. 8; I Co 6.19-20).

É notável que a *igreja* é uma realidade complexa, pois ao mesmo tempo que é humana, é também divina (temporal e eterna; terrena e celeste). *Igreja* é mistério, na

dimensão teológica do termo, de realidade transcendente. Nesse sentido amplo, se o primeiro sacramento foi Jesus Cristo, verbo divino feito homem para revelar e tornar acessível o próprio Deus ao homem, o segundo é a *igreja*, pela qual Jesus Cristo cumpre a promessa, feita antes de subir ao Pai, de continuar presente no meio dos homens e mulheres que procuram segue-lo com fidelidade até o fim.

1.1 IGREJA PRIMITIVA

O Cristianismo é uma das grandes religiões, incluindo católicos, ortodoxos e protestantes. Esse termo vem da palavra Cristo, que significa Messias, pessoa consagrada e ungida; e a palavra Messias, do hebraico *mashiah* (o salvador) foi traduzida para o grego como *khristos* e para o latim como *christus*.

O nascimento do Cristianismo se confunde com a história do Império Romano e com a história do povo judeu, no séc. I d. C. Na sua origem, o Cristianismo foi apontado como uma seita surgida do Judaísmo, terrivelmente perseguida.

Quando Jesus Cristo nasceu, na pequena cidade de Belém, os romanos dominavam a Palestina. Os judeus viviam sob a administração de governadores romanos e, por isso, aspiravam pela chegada do Messias (acreditava-se que seria um grande líder e que governaria politicamente). Essa ideia se solidificou em razão do anúncio da expressão Messias apresentada no Antigo Testamento como o enviado que os libertaria da dominação romana.

Constata-se que o Cristianismo nasceu no período do governo greco-romano (5 a.C.-509 d.C.). Os povos que contribuíram para o seu surgimento foram os judeus, os gregos e os romanos e a forma como procediam os romanos antes do nascimento de Cristo contribuiu para o propósito de Deus, isto é, para o fundamento da Igreja de Cristo. No sentido político, por haver democracia religiosa, Roma era cidade com muitos templos oferecidos a vários deuses e, por todo lado, erguiam-se estátuas desses deuses e de imperadores; estes passavam por processo de deificação. Confere-se esse processo nas palavras de Johnson (2001): “Por conseguinte, após a morte de César, o senado romano passou a votar a deificação do imperador, desde que ele tivesse sido bem sucedido e admirado [...] imperadores que em vida declararam sua própria divindade – Calígula, Nero, Domiciano [...]”. Este foi um costume criado pelo senado romano, com a intenção dos feitos dos imperadores não se perderem na história, ou seja, de tais feitos não serem

esquecidos pelo povo. Para tanto, criou-se o ato de idolatria às pessoas que morriam que para eles, de alguma forma, julgavam de cunho representativo para a sociedade romana.

2 A IGREJA E A AÇÃO SOCIAL

Desde os tempos mais primordiais da sociedade, o povo vem sofrendo com a má distribuição de benefício, mostrando ser essa uma realidade que sempre existiu e existirá no nosso mundo: os menos favorecidos, que não possuem muitas das vezes nem o básico para sua sobrevivência. Uns possuem bens em abundância e outros nada ou quase nada possuem. A Igreja viu-se diante destes desafios, que é fazer a junção de duas classes sociais (pobres e ricos) que compõem a sociedade, mas com particularidades opostas (condições sócio-econômicas e culturais). Por isso, serão apresentados alguns pontos de reação frente ao fenômeno da desigualdade social.

2.1 A AÇÃO SOCIAL NA IGREJA PRIMITIVA

Vários teólogos, escritores e pesquisadores têm demonstrado o seu ponto de vista sobre a ação social praticada por meio da Igreja de Cristo. Segundo Johnson (2001), a Igreja do Antigo Testamento era composta pelos judeus que viviam em Roma e exerciam uma ação social destinada tanto aos próprios judeus quanto à comunidade. Em meio a esse cenário, o Cristianismo surgiu em um berço que trazia um conceito benéfico inclinado para a política social e espiritual de forma unificada ao ponto dos judeus serem *imitados* por povos vizinhos.

Segundo Nichols (2000), a *práxis* diária de vida dos cristãos contribuiu para o crescimento da Igreja de Cristo nos sécs. I, II e III. A união das comunidades cristãs era inigualável, de forma que as comunidades não cristãs a contemplava com admiração. E como consequência da admiração do modo de vida, muitos se converteram a Cristo pelo impacto (poder) da Palavra e do testemunho pessoal de cada cristão para quem não importava se alguém era rico ou pobre, mas sim o compromisso com o Reino de Deus. Eles

Cuidavam desveladamente dos órfãos, dos doentes, das viúvas, dos desamparados. As coletas e a administração dos fundos de caridade constituíam uma das partes mais importantes da vida dessa Igreja. Dentro da Igreja todas as distinções foram abolidas. Escravos e senhores foram nivelados. Mulheres alcançaram uma posição de honra e de influência (...). Distinguiam-se também os cristãos por um fervor e pureza moral jamais conhecidos em qualquer parte. (NICHOLS, 2000, p.32).

Constata-se que a assistência social era presente nos períodos que se seguiram. Por consequência dos conflitos da época, muitas pessoas se encontravam desamparadas, órfãs ou viúvas, porém amparadas pelos cristãos, prática que promovia uma repercussão positiva diante da sociedade onde viviam.

2.2 AÇÃO SOCIAL E O EVANGELISMO CONTEMPORÂNEO

Do século XVI ao XX, a evangelização foi uma meta firmada pela Igreja reformada, principalmente no que diz respeito ao investimento de enviarem missionários a outras terras. À exemplo dos reformadores da Igreja, como João Huss, Lutero, Calvino, Wesley e outros; muitos foram mortos por amor ao evangelho.

O ato de coragem, amor e fé provocou o ânimo de muitos que não mediram esforços para levar o evangelho independente de onde fosse necessário. O resultado do estudo exegético feito por pessoas como Lutero, levou a Igreja a buscar e a praticar os ensinamentos do Novo Testamento (ou da Igreja primitiva), como indica o fato da ação missionária da Igreja contemplada nos escritos de Cairns (1995):

A Igreja primitiva não tinha uma organização de benemerência para ajudar aos pobres e doentes. Cada igreja tomava sobre si esta responsabilidade. O dinheiro coletado, daqueles que podiam dar, [...] era dedicado para a satisfação destas necessidades. [...] Os diáconos deveriam então cuidar daqueles que passavam por necessidades. As mulheres das igrejas também ajudavam esta obra de caridade ao fazer roupas para aqueles que necessitassem (At 9.36-41). (CAIRNS, 1995, p. 68).

O autor mostra que a Igreja cristã não recebia benefício financeiro dos governantes, mas antes ela mesma exercia o serviço social. Queiroz, (2006) também aponta as ações da Igreja desse tempo: “socorrer o ser humano em suas necessidades” (2006, p. 15).

Nota-se, em consequência da pesquisa feita por essa articulista, que a ação da evangelização, é evangelho mais ação, o que quer dizer que a Igreja deve observar a Palavra e praticá-la seguindo os passos de Jesus. Queiroz, s/d, afirma que “Jesus vai em direção dos que estão fora” e os traz e os inclui. No curso da história em que vivem algumas Igrejas atuais, é necessário procurar “entender a missão á luz da missão de Jesus Cristo para a realidade atual em que vivemos. ‘‘Poderá fazer uma diferença

significativa em nossa abordagem sobre o tema da evangelização e da responsabilidade social”. (QUEIROZ, s/d, p. 9).

O autor esclarece que algumas igrejas têm se perdido em sua função de evangelismo e de ação social para que o nome do Senhor seja exaltado. Mas, conforme as Escrituras Sagradas, “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que *está* nos céus” (Mt 5.16). Dessa forma, a ação evangelizadora da igreja deve ser permeada pelo desejo de servir a Deus com a possibilidade de aguçar em seus membros, que ainda não vivi a práxis do Evangelho, esse espírito cristão.

Nas obras sociais, que são vistas como obras misericordiosas, seu foco é voltado para a justiça social. Através das observações teológicas postas até o momento, nota-se que a relação igreja e responsabilidade social aparece em determinado contexto histórico, dependendo do costume de cada grupo ou época. Em algumas Igrejas, nota-se a preocupação somente com o ensino das *Escrituras*, sem sua participação nos problemas sócio-econômicos da comunidade; já em outras, que por sinal, a procedência se difere: há o envolvimento da instituição em discussão com os problemas sociais sem ou com pouco ensino escriturístico.

Entende-se que, no Pacto de Lausane, o desafio da igreja é de se comprometer com uma nova linha de assistência social: “a evangelização do mundo e a responsabilidade social”, principalmente com os menos favorecidos, no aspecto econômico, primando pelo exemplo das Igrejas primitivas em Atos dos Apóstolos. Isso conduz a pensar que as igrejas mais abastadas (ricas) devam compartilhar dos seus bens (financeiro e intelectual). De acordo com Padilla (1992, p. 146), “a possibilidade da partilha recíproca entre as Igrejas, é uma premissa básica sem a qual não será possível uma relação saudável entre as igrejas ricas e pobres”.

A igreja, no exercício de uma nova humanidade, deve manter-se fundamentada no anúncio de “amar a Deus sobre todas as coisas” e o “próximo como a si mesmo” (cf. Lc 10.25-27). Num contexto geral, todo homem necessita ser resgatado das más ações. Ao analisar as comunidades eclesíásticas, vê-se que são, na maioria das vezes, comunidades que só falam, mas não exercem um trabalho alicerçado nas obras de misericórdia, onde o beneficiado seria o próximo, o necessitado. “Todo ser humano precisa ser salvo de sua perversão, de sua indiferença desumana, individualismo, materialismo, egoísmo. Ser salvo é acolher o amor de Deus, se perceber em paz com

Deus, consigo mesmo, e – como refluxo – amar intensamente o próximo.” (QUEIROZ, s/d, p.5)

Todo o ser humano precisa converter-se do egoísmo, cujo mal muitas das vezes impede o homem de amar o seu próximo e exercer a caridade.

Essa contradição que vive a igreja entre sua confissão e sua prática, fica claramente exposta quando se lê as exortações finais da epistola aos hebreus. Em uma delas seu autor deixa claro que o sacrifício que agrada a Deus e que é aceito por Ele é o chamado sacrifício de amor, uma extensão do sacrifício de louvor. Segundo o texto, o sacrifício de louvor é o fruto de lábios que, sinceramente, confessam o nome do Senhor, e por extensão, o compartilhamento com o próximo, cristão ou não, em suas necessidades.

2.3 PONTOS SOCIAIS QUE DEVEM SER OBSERVADOS E EXERCIDOS PELA IGREJA CRISTÃ

Segundo Queiroz, s/d, a Igreja contemporânea precisa conhecer e observar os seus muitos papéis sociais, que são:

- a) **Assistência Social** - No tempo da escravatura alguns cristãos sensibilizados com os que eram castigados e surrados no pelourinho, resolviam ajudá-los com água, comida ou atando suas feridas;
- b) **Serviço Social** - Outros cristãos, com visão mais aberta resolviam, além da assistência, assegurar a liberdade de alguns escravos, através da compra destes e criação de oportunidade de trabalho para que eles criassem seus mecanismos de sobrevivência;
- c) **Ação Social** - Outros lançaram-se na luta contra a instituição da escravatura para que não encontrassem escravos pendurados no pelourinho nem tivessem que comprar a liberdade deles. (QUEIROZ, s/d, p. 15).

No exercício natural de algumas igrejas, são notórios a prática da assistência social e o serviço social. A maioria das igrejas compreende o exercer da ação social como responsabilidade só dos políticos e, muitas vezes, não exerce o seu papel, que, por sua vez, seria o de cobrar dos governantes para que venham cumprir com o seu dever: promover igualdade social e ter uma política justa. A igualdade social foi e é sempre vontade de Deus, pois suas recomendações estão explícitas na Bíblia. O Senhor faz referência a isso em relação ao seu povo orientando atitudes práticas e indicando seu propósito: “para que entre ti, não haja pobre” (Dt 15.4). Quanto a esta recomendação, o comentarista Sam Middlebrook, da *Bíblia de Estudo Plenitude*, (2001, p. 208), conclui sem outra perspectiva: “Ao perceber que Israel não pode cumprir plenamente esta exigência,

Moisés acabou afirmando, realisticamente, ‘nunca cessará o pobre do meio da terra’” (v. 11). Portanto, a responsabilidade social da Igreja também não pode cessar.

A relação com Deus e o dever de um ser humano para com o outro, é uma junção fundamental no exercício diário da fé cristã. O exercer *diakonia* na igreja, diante da sociedade, conforme Comblin (Comblin *apud* Queiroz, s/d), não se resume somente no que é ensinado nas igrejas atuais; essa *diakonia* vai além, muito além da realidade vigente. Em consonância com Queiroz (s/d, p. 15), “essa *diakonia* toma diversas formas: [e uma delas é a] assistência jurídica às vítimas de situações injustas”. Mas o que vem a ser *diakonia*? Segundo Comblin (Comblin *apud* Queiroz, s/d) são pessoas dispostas a lutar pelo bem comum de sua comunidade. No momento contemporâneo da igreja de Cristo, faz-se necessário destacar o conceito do que se prega, do testemunho dos que vivem o Cristianismo: o que motiva a Igreja de Cristo a assumir a ação social.

REFERÊNCIAS

BIBLIA DE ESTUDO PLENITUDE. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. 1526 p.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã*. Tradução de Israel Belo de Azevedo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 508 p.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. 11. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000. 335 p.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2001.

PADILLA, René. *Missão integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja*. São Paulo: FTL-B Temática Publicações, 1992.

QUEIROZ, Carlos. *Evangelização e responsabilidade social*. Disponível em: <<http://www.amtb.org.br/RESPONSABILIDADE%20SOCIAL.doc>>. Acesso: 11 abr. 2006, 21:20 hs.